



# Blumenau *em cadernos*

TOMO IX ★ — ABRIL DE 1968 — ★ — Nº. 4

## SÔBRE PADRES CATÓLICOS ALEMÃES

O anuário católico "Familienfreund" que se editou em Porto Alegre, sob a direção de Leopoldo Petry, em sua edição de 1927, publicou um artigo (pags. 97 e seguintes) com interessantes dados sôbre sacerdotes alemães e personalidades outras que tiveram atuação destacada na vida religiosa e social de Blumenau e de outras cidades de Santa Catarina. Dentre essas notas, destacam-se as seguintes: O Dr. Wiegando Engelke (de quem já temos escrito muito nestes "Cadernos") veio com o Padre Carlos Boegershausen para Joinville no ano de 1857. A 25 de agôsto êles embarcaram com 45 outros passageiros e chegaram a São Francisco a 12 de novembro. Engelke era amigo e companheiro de escola do Padre Carlos. Foram recebidos em São Francisco pelo Padre Benjamim Carvalho, vigário da Vara. Em Joinville, tiveram recepção ruidosa, com grandes festas e até "Marche aux flambeaux". De 1874 a 1876, o Padre Carlos dirigia, também, o Curato de Blumenau, que se encontrava vago. O Padre Franz Gattone, de que também já muito falamos nestas colunas, era também colega do Padre Carlos e do Dr. Engelke. Êle veio para o Brasil por volta de 1860, tendo o Padre Boegerhausen lhe confiado a capela de Belchior, dos antigos alemães de São Pedro de Alcântara, sediados pelas margens do Itajaí Açú. Em 1864, o Padre Gattone celebrou a primeira missa na primitiva capela de Blumenau. Foi depois vigário de São Pedro Apóstolo de Gaspar. Depois de seis anos, foi transferido para Brusque. Em seguida foi vigário de Laguna e, dali, foi transferido para Vassouras, no Estado do Rio. Posteriormente, foi capelão da Igreja da Glória, no Rio de Janeiro. Falava alemão, português, italiano, latim, francês e inglês. Morreu no Hospital da Gamboa, no Rio de Janeiro, a 28 de Janeiro de 1901. Assistiu-o, nos seus últimos momentos, o franciscano Padre Chrisólogo Kampmann, também ligado à história religiosa de Blumenau. Sôbre o Padre Wilhelm Roer, fundador da Colônia São Ludgero, há também, no citado artigo, dados bem interessantes. Em 1875, chegaram a Joinville o Capelão Berner e o Padre Henrique Matz, franciscano de um Convento da Polônia, que fôra fechado. O Capelão Berner regressou ao Rio para ir buscar 5 caixas com livros e paramentos do Padre Matz, mas de lá desapareceu. O Padre Matz foi enviado a Gaspar, depois de ter feito algumas visitas aos poloneses de São Bento. Faleceu a 8 de outubro de 1894. O Padre Antônio Eisig, que depois entrou para um convento franciscano, tomando o nome de Frei Capristano, nascera em Muensterland, na Wesphalia em 1847. Convidado pelo Padre Francisco Topp, veio para o Brasil em 1891. Primeiramente para Tubarão e dali veio para Brusque. O Padre Francisco Topp, de sempre lembrada e abençoada memória, nasceu em 1854, em Warendorf, na Wesphalia. Alcançou a idade de 71 anos. A 15 de junho de 1877 foi ordenado sacerdote. Em 1889 veio para o Brasil, tendo parokiado Teresópolis, Braço do Norte e Tubarão. Transferido para Florianópolis, ali permaneceu como vigário, até sua morte a 27 de dezembro de 1925. Foi um verdadeiro apóstolo. Chegou a ser elevado às dignidades de cônego e monsenhor, Vigário Geral do Bispado de Santa Catarina.

# VALIOSA COOPERAÇÃO

Muito se tem escrito a respeito da cooperação dada pelo caboclo nacional à fundação e ao desenvolvimento de Blumenau.

E quando se estuda êsse capítulo da nossa evolução, constata-se o fato de, pela década de 60, ter aparecido, no meio da colonização genuinamente alemã, um núcleo de população puramente nacional.

Realmente, quando começaram as medições dos lotes coloniais, da barra do Rio Benedito para cima, por êsse rio e pelo Itajaí Açu, encontraram os agrimensores encarregados dêsse serviço, pouco acima da atual cidade de Indaial, um núcleo de brasileiros ali já estabelecidos havia tempo e que, além da caça e pesca, ocupavam-se da lavoura, tendo roças de cana, de mandioca e de outros produtos.

Como foram parar ali aqueles colonos, sabendo-se que não o tinham sido pela compra, ou por qualquer outra forma de aquisição de terra da Direção da Colônia?

As razões não são muito lisongeiras aos brios e aos sentimentos patrióticos dos nossos patrícios que, por aquele tempo, habitavam o litoral catarinense.

Mas são razões justificáveis até certo ponto e não valeram apenas para a nossa então Província. Tôdas as demais unidades administrativas do Império tiveram o mesmo problema.

O caso foi o seguinte: Em 1865, como se sabe, foi declarada a guerra contra o Paraguai, que já existia, de fato, desde fins do ano anterior.

Batalhões e mais batalhões das fôrças regulares foram mandados para o sul, de tôdas as províncias brasileiras. O govêrno, em constantes proclamações, estimulava o brio dos cidadãos para que se alistassem voluntariamente para combater os nossos inimigos. E, além do apêlo ao patriotismo de cada um, ainda eram prometidas recompensas em terras àqueles que conseguissem voltar. E, como nem sempre êsses apelos produziam os efeitos desejados, isto é, nem todos os homens válidos deixavam-se mover por sentimentalismos, o govêrno lançou mão do recrutamento. Onde quer que houvesse um indivíduo do sexo masculino com idade ou em condições de servir, era apanhado e levado para as fileiras do exêrcito, com as quais, depois de receber as necessárias instruções e ser metido num vistoso fardamento, era mandado para o chaco paraguaio ou para as fronteiras do sul.

Muitos moços e muitos homens não estiveram por isso. E, mal tinham notícia da aproximação dos recrutadores, agarravam o mato, como se costumava dizer. Adentravam a floresta até onde encontrassem local, bem longe da costa, onde construíam ranchos tôscos e viviam do que conseguiam caçar. E, com o passar do

tempo, foram se acostumando ao lugar, plantavam, criavam aves e pequenos animais domésticos, faziam ranchos mais confortáveis, arranjavam mulher pelas imediações, se já a não tivessem levado na fuga, e ali se estabeleciam definitivamente. E quando eram duas, tres ou mais famílias juntas, estava fundado o núcleo de um novo povoado, de uma nova cidade.

Iratí, no Estado do Paraná, hoje uma cidade próspera e muito rica, teve sua origem nesse fato. E muitas outras, pelo interior do Brasil nasceram da burla ao recrutamento militar.

E foi assim também, que em 1865, alguns caboclos moradores do litoral catarinense, nas imediações da foz do Itajaí Açu no Oceano, pegaram as suas canoas, meteram nela os seus "tarecos", a mulher e algum filho que tivessem, e deram mão ao remo, rio acima, fugindo ao recrutamento compulsório. Acharam mais prudente e menos arriscado expor-se aos perigos do mato bruto do que às balas dos paraguaios que tinham fama de bárbaros e degoladores.

E foram subindo o rio, subindo... Passaram pelos colonos de Pocinho, da Colônia Belga, de Gaspar, do pequenino povoado que então Blumeau era. Mas por ali ainda havia gente e autoridades que poderiam prendê-los. Foram remando, remando... Atravessaram - sabe lá Deus com quantos sacrifícios! - o Salto onde hoje está a nossa Usina elétrica. E foram ainda mais adiante. Passaram pela foz do Têsto, do Encano, do Benedito. O leito do grande Itajaí continuava erizado de itoupavas, de corredeiras, até que chegaram, por fim, a um trecho onde o rio era calmo, profundo, manso. Parecia morto. O local não poderia ser melhor, pois êles iriam viver, daí por diante, em grande parte, dos peixes que ali devia haver em abundância. Desembarcaram, construíram os seus ranchinhos de palmitos. Assim fundaram o povoado de Rio Morto, um pouco acima de Indaial, onde os agrimensores do Dr. Blumenau os foram encontrar com lovouras prósperas, fazendo açúcar, farinha e cachaça que vendiam aos moradores de rio abaixo.

O Dr. Blumenau respeitou-lhes a posse das terras. Mediulhes as respectivas porções e procurou adaptá-los a uma vida melhor, menos arriscada e mais produtiva. É verdade que, muitas vêzes, em seus relatórios, xingava-os pela sua indolência em acompanhar os povoados de alemães, no tocante à fundação de comunidades escolares. Os "brasileiros" achavam que o govêrno é que tinha obrigação de dar-lhes escolas aos filhos, para quê, pois, iriam êles tirar dinheiro de seu bolso e perder tempo com sociedades que construissem prédios e mandassem vir professores de fora? O govêrno que cumprisse a sua obrigação e tudo estaria certo...

Contudo isso, fugindo ou não ao cumprimento de um dever cívico, êsses caboclos, incontestavelmente, prestaram um serviço - e muito grande - ao engrandecimento econômico da nossa terra.

## RELATÓRIOS DO DR. BLUMENAU

# COLÔNIA BLUMENAU

### RELATÓRIO DO ANO DE 1862

Apresentando o mapa estatístico desta colônia, que acompanha o presente relatório, todos os algarismos e dados de importância, posso restringir-me a poucas palavras de comentário e à exposição dos assuntos não mencionados no dito mapa, mas de importância para esta colônia.

Na reminiscência da atual geração dos habitantes dos rios Itajaí-açu e mirim não existe ano algum que, em geral, tivesse corrido de modo tão irregular e anormal e acumulado tantas calamidades sobre a população como o que está findando. Após um verão regular e magnífico outono e princípio de inverno, que haviam muito favorecido as culturas e prometeram uma abundantíssima safra de açúcar, excelente colheita de café e rico rendimento de tôdas as novas plantações, quatro noites de terrível frio, até então desconhecido em tal fôrça e que devastou todo o litoral desta e da província do Paraná e se estendeu até São Paulo, aniquilaram tôdas as esperanças do lavrador e causaram imensos prejuizos á população inteira. As novas plantações de cafêzeiros, de cana, milho, feijão, etc, ficaram completamente destruidas, a cana madura e os cafêzeiros em rendimento não deram nem a quarta parte e até quinta do que prometiam e deviam render, faltando mesmo daquela as mudas para a nova plantação e devendo êstes ser podados á flor da terra além de grande número de novas, que inteiramente foram matados. O mesmo se deu com a mandioca e aipim, de que não ficaram mudas nem para a sexta parte das plantações, que na primavera se pretendeu fazer, o que sobremaneira prejudicou a todos os lavradores e em primeiro lugar aos emigrados recém-chegados, com grande número de árvores frutíferas etc. Em fim, o frio foi tão forte que matou até árvores do mato e palmeiras de gerivá. É isto uma tal tranquilizadora consolação, porque, se tal fenômeno não fôsse raríssimo, a vegetação do país devia ser outra, mais apropriada ao clima frio e menos tropical. As immediatas e funestas consequências contudo são muito grandes e se estendem ainda em grande parte sobre mais anos, que são preciosos para reparar o prejuizo das mais importantes culturas.

O fim de setembro e os mêses de outubro e novembro foram excessivamente úmidos e caindo chuvas torrenciais, os rios constantemente se conservam muito altos e sobrevieram enchentes que com intervalo de um mês se sucederam e de que a primeira, no de outubro, foi muito forte. Os seus estragos foram grandes sobretudo nas partes menos altas da colônia, abaixo do Salto e no distrito da povoação, até imensas plantações de tubérculos do aipim nas barrancas do rio e ribeirões e parte baixa, que servem para alimentação do gado suino, foram parte arrancadas pelo furor das águas, apodrecendo logo outra, que foi afogada, a consequência é que a criação dêste gado durante 17 meses fica consideravelmente reduzida.

Grande parte dos pastos e das novas plantações de milho, feijão etc. feitas após o frio, igualmente, ficou completamente estragada. Após o frio e as enchentes enfim, no lado que êstes deixaram, se desenvolveu um sem número de lagartas e insetos nocivos, como nunca antes se tem visto e acabaram a obra de destruição, existindo lavradores a quem quatro plantações de milho e feijão foram destruídas, ora pelo frio, ora pelas enchentes e enfim pelas lagartas. O ano foi o mais calamitoso de que existe reminiscência neste rio e seu triste renome se há de conservar por decênios, como seus funestos efeitos só em alguns anos se hão de completamente apagar e atualmente vão ainda muito pesados. A produção e a criação de gado muito se ressentem deles e o ânimo de muitos colonos, sobretudo entre os recém chegados, foi profundamente abalado. Felizmente, quanto mais a colonização se adianta para o interior e as terras mais elevadas, como nos últimos dois anos já sucedeu, tanto menos geralmente tais infortúnios hão de estender-se sobre a população, ficando ao mesmo tempo mais restritos seus funestos efeitos sobre a sua prosperidade em geral.

Após os meados de novembro o tempo correu favoravelmente, bem que de muito calor e algum tanto insalubre, os trabalhos agrícolas progrediram com nôvo vigor e fizeram-se novas e extensas derrubadas e plantações.

O serviço da direção foi feita com regularidade, achando-se a escrituração em dia e, como penso, com o devido zêlo e atividade e quanto ás despesas e obras, com a possível economia. Com a crescente extensão da colônia e das distâncias e o aumento das escrituras o serviço contudo se torna tão árduo e multiplicado e cresce de maneira tal, que se a imigração e extensão continuam, como felizmente nos últimos dois anos, um ajudante, que assista na inspeção das obras e nas escrituras, será indispensável para a regularidade do serviço. Infelizmente ainda não recebi os livros de escrituração, mencionados no regulamento desta colônia e rubricados, que por diferentes vêzes solicitei e que sempre mais precisos se tornam para a bôa ordem da administração.

Igualmente careço ainda de uma ordem sobre o fonecimento de cadernetas aos colonos, para a maneira da cobrança das dívidas dos colonos e sobre a quantia, que o Govêrno, já há anos, destinou para adiantamentos aos lavradores ativos, tendo eu apresentado no princípio do presente ano ao Exmo. Snr. Ministro da Agricultura as bases de um regulamento para êste fim.

A questão da nomeação de tutores para os numerosos órfãos, que existem, já lembrada no último relatório, infelizmente não fêz passo algum, achando-se ainda no mesmo pé a dos limites da colônia.

Funcionando a direção em dois quartos alugados, numa hospedaria que o dono da casa só me cedeu por favor e antiga amizade, o serviço nesta casa, com a crescente população se torna sempre mais desagradável e como a minha casa particular é muito pequena, oferecendo apenas espaço para um solteiro, que vem, e não há aqui casa e quartos convenientes para alugar, a Direção inteiramente ficará sem alojamento no dia em que a atual locação for revogada pelo dono. É pois muito urgente conceder-me a autorização e o crédito para a construção da casa da Direção, que já por diferentes vêzes solicitei.

## A MORALIDADE

Os 283 católicos entre os habitantes da colônia assistem ao officio divino na capela de São Pedro Apóstolo, distante desta povoação pouco mais

ou menos 1 1/2 légua e matriz da nova freguezia do mesmo nome que abrange parte do território desta colônia, o vigário encomendado é de nação alemã e visitou por diferentes vêzes esta povoação, para administrar os sacramentos. Bem que assim sejam providas as mais urgentes necessidades espirituais do pequeno número dos habitantes católicos, sempre será preciso em pensar na construção de uma capela para a celebração do culto divino no próprio centro da colônia, e conceder uma adequada quantia para este fim. Ainda mais urgente é a construção de uma casa de oração para os 1775 evangélicos, que dêse sete anos, quando o seu número foi de 500, celebram o culto num miserável quarto de uma das casas de hospedagem, que já não oferece espaço nem para a terça parte dos assistentes. Bem que os habitantes hão de se esforçar para construir uma tal casa decente, não lhes é ainda possível fazê-lo inteiramente ás suas custas. Devo pois reiterar o pedido, que por diferentes vêzes fiz, para que fique concedida uma adequada quantia, para fim tão útil e venerável.

A escola pública do sexo masculino funciona desde 6 mêses no seu edifício bem e sólidamente construído. O número dos discípulos e discípulas, que a frequentam, foi de 38, sendo regulares os seus progressos.

O pastor evangélico abriu uma aula particular para alunos que absolveram as primeiras letras, lecionando latim, português, alemão, francês e os elementos das matemáticas, geografia e história. Conta atualmente com discípulos que formam diferentes classes. Falta ainda uma escola para o sexo feminino e carece-se com urgência de mais algumas escolas, visto o grande número de crianças e as distâncias que separam os colonos tornam difficilimo, senão impossivel a frequentação de uma só escola para a grande massa das crianças. Esta falta torna constantemente um dos 5 objetos de maior queixa dos colonos e muito urgente era remdiá-la quanto for possível. As dificuldades consistem na construção dos necessários edificios e em achar-se individuos, que reúnem as indispensáveis garantias morais com prática do ensino e conhecimento da língua vernacula junto com a alemã em que não podem deixar de ensinar, visto que as crianças entendem sómente esta. Pretendendo atualmente formar-se duas sociedades entre os colonos, já algum tanto arrançados, para cuidarem deste importante negocio em duas localidades distantes que mais carecem de tais institutos, mas não tendo suficientes meios para logo cuidarem de tudo, vou solicitar autorização á Presidência para lhes acudir com alguma quantia, com o fim de facilitar o principio e a construção de casas sólidas e duráveis. Uma tal ajuda será bem empregada e há de fazer impressão favorável.

A moralidade foi satisfatória, dando-se entre os colonos sómente dois ou três processos sôbre injúrias. Um dos soldados do destacamento porém, cabra de perversos e ferozes instintos, tendo ofendido com gestos uma menina que logo gritou por socorro, provocou com mais dois camaradas uma rixa com o pai da menina e outros colonos, dando um tiro em um deles de que felizmente resultou ferimento não grave. Os três soldados foram logo removidos, achando-se o mais culpado em processo.

Em 27 de novembro quatro bugres atacaram a casa de um colono no distrito do Garcia, saqueando-a e ferindo u'a mulher com uma flechada, felizmente leve. Foram logo perseguidos pelos colonos e praças do destacamento que aqui existe e desde então não houve novidade.

Sendo porem o número daquelas praças insufficiente para o servi-

ço e distâncias sempre crescentes, solicitei e obtive um pequeno reforço. Ao mesmo tempo, foi concedida uma pequena indenização ao colono Holler, a quem a casa foi saqueada; esta medida da Presidência foi do melhor efeito moral. O estado sanitário foi sofrível, comquanto que mortalidade proporcionalmente foi maior do que há dois anos. Este aumento dos óbitos parece contudo em todas as localidades e países inerentes à imigração, à mudança do clima, e da alimentação e maneira de viver, e às fadigas do primeiro estabelecimento. Nos anos anteriores de diminuta imigração a mortalidade descreveu imediata e improporcionalmente. Funciona desde 1 de março p.p. como médico da colônia o Dr. Bernardo Knoblauch, formado na universidade de Iena e engajado em conformidade do aviso ministerial N.º 1 de 16 de janeiro de 1862.

A imigração no presente ano foi considerável mas nem sempre composta de escolhidos e idôneos elementos chegando número inconveniente de solteiros, agregados e sujeitos de equívoca reputação. É isto um mal inerente a todas as imigrações mas que, pelo menos em parte, podia ser remediado pelos contratos a fazer com os agentes na Europa. Segundo as últimas experiências, o sistema anteriormente seguido, de dar adiantamentos de passagens à famílias especialmente recomendadas foi muito preferível ao seguido nos engajamentos d'este ano. É verdade, que este sistema oferece a vantagem de que os emigrantes chegam livres de dívidas e podem ir onde melhor lhes pareça, subtraindo-se, assim, à imprensa hostil da Alemanha um pretexto para suas agressões, a fúria de Berlim porém, que sempre e cegamente agride o Brasil, o demitido consul Stutz e sócios, nunca será satisfeita por concessões desta natureza e não há de desistir das suas hostilidades, achando de certo como cavalos de batalha sempre e com maior razão novos pretextos, como sobretudo a lei e regulamento dos casamentos não católicos e mixtos, a lei provincial de Santa Catarina que defende aos evangélicos o emprêgo de professôres públicos etc. O anterior sistema de engajamento de colonos (adiantamento da passagem por parte ou inteiro) teve a grandíssima vantagem de que chegaram em grande número imigrados especialmente recomendados, que na colônia achavam amigos e parentes já arranjados, os quais lhes assistiam com conselhos, com sua experiência adquirida e seus braços experimentados. Em consequência desta valiosa e importantíssima assistência tais emigrados, em regra, prosperam e se arranjaram com muito maior prontidão e carecem de menores adiantamentos para seu estabelecimento. De novo e com insistência devo lembrar a conveniência de eliminar das promessas a fazer aos emigrados da Europa tôdas e quaisquer, que se referem a adiantamentos, diárias, viveres e substitui-las pela promessa, de além de terras, caminhos, escola etc., de um bom salário ao bom operário. Como porém já por diferentes vêzes expus, que as diárias etc. formam o principal atrativo e logo o mole travesseiro dos vagabundos e mandriões entanto que o bom salário atrai a gente laboriosa, restrinjo-me neste lugar a breve lembrança. Convém contudo ainda mencionar que tal medida deve ser geral e não se estender só a uma província e ainda menos a uma só colônia.

A respeito de novos engajamentos para esta colônia, convém também tomar algumas precauções para que a diminuição do preço da passagem não seja fraudulentamente aproveitada, como no presente ano aconteceu por emigrantes que, desde o princípio, não têm a intensão de se fixarem aqui.



Com o anterior sistema dos engagements, uma tal fraude não foi tão fácil e o número dos emigrantes, improporcionado no presente ano, mui diminuto.

A despesa do desembarque, reembarque e transportes á colônia dos imigrantes recém chegados, conquanto que não exagerada, sempre foi considerável no presente e no precedente ano. A razão foi que, achando-se poucos barcos aptos para êste desagradável, enfadonho e as vêzes arriscado serviço, fiquei a mercê de um só barqueiro. Só na ultima expedição de Hamburgo, do presente ano, consegui persuadir a um outro barqueiro para êste serviço e criar concorrência, de que logo resultou uma mui considerável redução no preço.

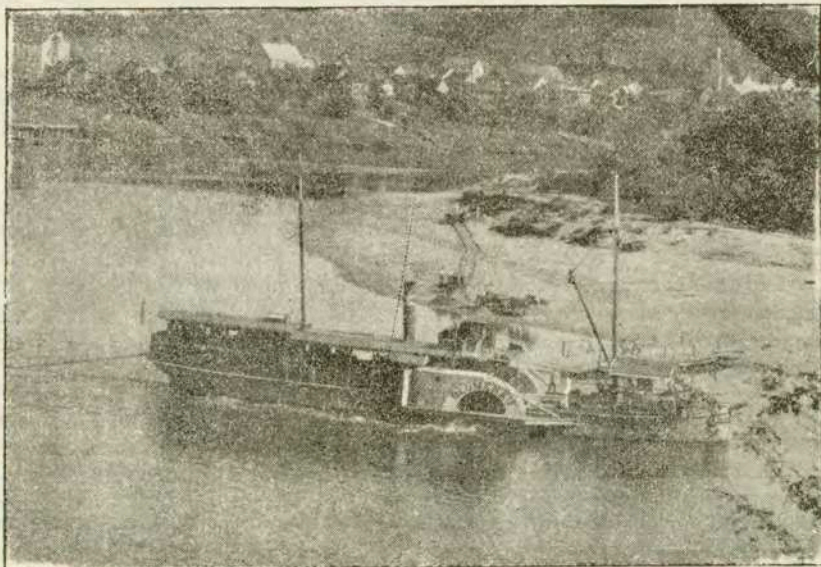
Espero, pois, que esta despesa, dora em diante, fique menos considerável e que a concorrência aumente. Era porém mais conveniente, promover o estabelecimento de um pequeno vapor, neste rio, que fazendo êste serviço, ao mesmo tempo promova o comércio. Continuando a imigração, como foi nos dois ultimos anos, e ficando a um tal vapor garantido o seu transporte durante cinco a dez anos, êle se poderá sustentar quase sem outro auxílio, promovendo, assim, o Govêrno, sem considerável acréscimo de despesa, um melhoramento do maior alcance e que vai produzir imensas vantagens e exercer nova força atrativa sôbre a imigração. As diárias e adiantamentos tenho restringido, quanto me foi possível e não está nas minhas forças proceder, a este respeito, com ainda maior economia e vigor, do que fiz, vivendo em constante guerra com os pretenciosos colonos sôbre êste objeto. E estas pretensões e esta guerra hão de constantemente ficar as mesmas enquanto aos agentes diplomáticos consulares e de emigração, na Europa, não fôr completamente proibido e eliminado do regulamento ou instruções do Govêrno Imperial, de 18 de novembro de 1859, quaisquer promessas de tais diárias e adiantamentos, como já acima e em muitas ocasiões sustentei. As medições, demarcações e explorações de terra continuarão com a necessária atividade e, em consequência, os imigrantes recém chegados imediatamente, podiam escolher e receber suas parcelas. Não é possível afrouxar nesta atividade sem causar grande mal ao progresso e regularidade da colonização, e conveniente distribuição das diferentes séries de parcelas e caminhos, quanto se refere às frentes que correm nos caminhos, rios e fortes ribeirões, e sem provocar contínuas e fundadas queixas dos colonos, quanto conserne os fundos e linhas laterais, que separam as diferentes parcelas. Os rios e ribeirões, que servem de frentes, não raras vêzes, fazem voltas e viravoltas tais, que se a sua corrente não for de antemão, em sufficiente comprimento e exatamente delineada no mapa, logo se dão as mais inesperadas e desagradáveis colisões nos fundos das diferentes séries, ou ainda, uma distribuição muito inconveniente e desvantajosa nas frentes. Executaram-se diferentes explorações para se reconhecer a configuração dos terrenos e o traço das futuras estradas e é necessário continuar nelas, para não cair em graves erros, difíceis e dispendiosos, mas também indispensáveis, a remediar em breve tempo. As mais importantes foram no Rio do Testo, cuja corrente também foi medida, até as cabeceiras, para verificar o melhor traço da projetada estrada para a colônia Dona Francisca, achando-se atualmente estabelecido, no mesmo, já uma população de pouco mais de 450 almas. O agrimensor da colônia fica responsável pela exatidão da medição, como também da conservação dos diferentes marcos e não recebe mais retribuição, quando logo ou mais tarde, verifica, mede e demarca as frentes das parcelas que nos rios, ribeirões

e caminhos, medidas e mapeadas se vendem. Infelizmente, todos estes trabalhos e as respectivas despesas na referida localidade parecem para o momento, e apesar das expressas ordens do Govêrno, feitas não só prematura e em grande parte inútilmente, mas ainda em grave detrimento e prejuizo desta colônia em geral, do Govêrno e sobretudo dos infelizes moradores do Rio do Têsto. A razão é que o diretor da Colônia Dona Francisca, de repente e de maneira muito inconsiderada e desleal, abandonou o projeto, faz 7 1/2 anos fomentado perante o Govêrno, de ligar as duas colônias, por meio de uma estrada, e logo colonizar as margens da mesma. Pois, em lugar de projeto e estabelecer os novos imigrados na direção indicada, como eu o fiz e não podia deixar de fazê-lo, para cumprir expressas ordens do Govêrno, aquêle Diretor, cedendo a caprichos, intrigas e interêsses opostos à verdadeira prosperidade da colônia e seus habitantes, confiados a seu zêlo e lealdade, requereu ao Govêrno Provincial terras acima da serra, em direção diametralmente oposta à que foi combinada e em gravíssimo prejuizo dos imigrados recém chegados, que ali pretendo estabelecer. Referi, sôbre êste assunto, que constitui uma questão de importância para ambas as colônias à autoridade superior e entrego-me à esperança de que esta não consinta em tal abuso, que tão de perto compromete o Govêrno e à moralidade das Direções das duas colônias em questão. Em ambas, a novidade de tão inaudita deslealdade, causou um grito de indignação e sobretudo entre os habitantes do Rio do Têsto, que se dão por enganados e atraçoados, fixados, realmente, como em um bêco sem saída se não se prosseguir no projeto encetado e bastante adiantado do lado desta colônia. *(Conclui no proximo número).*

---

---

## BLUMENAU ANTIGO



O Vapôr "Blumenau" de gloriosa memória, atracado ao cais do pôrto de Blumenau, nos começos dêste século.

# VISITA OPORTUNA E PROVEITOSA

NESTOR S. HEUSI

Os que demandam Blumenau, vindos do Litoral, vêm à margem direita da Rua Itajaí, no velho bairro que ainda conserva a sua primitiva denominação de "Vorstadt", uma das relíquias históricas da cidade: o Hospital Santo Antônio.

Sim, êle tem a sua história. Primeiro nosocômio de Blumenau, a sua instituição remonta ao último quartel do século XIX. Por isso que no recuado ano de 1874 o Doutor Blumenau, em documento que se encontra no Arquivo Público Municipal, já fazia referência à então "Sociedade Hospitalar" (Krankenhilfsverein). "Ipso facto", o atual Hospital Santo Antônio nasceu e cresceu com Blumenau. E por Blumonau.

Fácil pois imaginar a considerável extensão do rol de reais, inestimáveis e, principalmente, filantrópicos serviços que sempre prestou e ainda presta, em ritmo cada vez maior, não apenas à população citadina, como também aos necessitados procedentes de outras plagas, máxime dos múltiplos municípios que compuseram, em passado não mui remoto, o grande território da antiga Comuna Blumenauense.

No decorrer desse quase um século da sua útil existência, sempre sob o domínio da administração municipal, experimentou diferentes e profundas modificações, quer na sua compleição arquitetônica, quer no seu aparelhamento hospitalar e ambulatorial, quer ainda na organização colateral dos seus diferentes serviços subsidiários.

Apresenta-se hoje como uma destacada unidade da rede nosocomial do Vale do Itajaí.

Na fase inicial, ainda sob o regime da nascente Colônia, portava o nome de "Sociedade Hospitalar". Mais tarde, até 1948, passou a chamar-se "Hospital Municipal". E desde então até os nossos dias, a denominação de «Hospital Santo Antônio».

E agora que Blumenau, —de etapa em etapa de esplêndido, marcante e contínuo progresso material e cultural, —evolui galharda e nobremente para uma cidade universitária, o velho e tradicional "Santo Antônio", pela Lei Municipal N.º 1.458, de 20 de dezembro de 1967, que criou a "Fundação Universitária de Blumenau", passou a integrar o patrimônio da mencionada instituição. Assim, a futura Faculdade de Medicina de Blumenau já tem a ampará-la e a consubstanciá-la um notável empreendimento.

E o Conselho Curador da Fundação Universitária, presidido pelo industrial e homem público Dr. Bernardo Wolfgang Werner, veio de ser distinguido com honroso convite: uma visita ao Hospital Santo Antônio.

Foi, pois, com indizível satisfação que ali estivemos na última sexta-feira, 27 de abril.

Recebidos pelo seu abalizado o provector Corpo Médico, encabeçado pelo seu Diretor, Dr. Afonso Balsini, um dos grandes propugnadores e fautores da maior e mais brilhante fase de realizações verificadas nesse

Mosocômio, — percorremos demoradamente tôdas as suas modernas dependências e instalações.

O que nos foi dadô ver e observar ultrapassou de muito — confessamos — a nossa expectativa.

Contando com zêlo, dedicação e competência de ilustre equipe médica, de abnegadas Irmãs Franciscanas e de um seletto carpo de enfermeiras, o Hospital apresenta um elevado nível de organização. Impecáveis, dignas mesmo de especial registro, são a ordem e a higiene que imperam nessa modelar casa de Saúde.

Através de perfeito fluxograma, os amplos, extensos corredores-matrizes e os secundários permitem normal movimentação entre os 220 leitos distribuidos pelos 16 quartos, 5 apartamentos e 10 enfermarias, além dos vários isolamentos e outros compartimentos conexos. E — diga-se de passagem — estavam todos tomados e quase que totalmente por doentes faltos de quaisquer recursos pecuniários. Fato êste que não apenas muito bem diz dos foros de inusitada solidariedade humana que se pratica nessa verdadeira Casa de Caridade, como põe igualmente em plano de nobre e invulgar relêvo o trabalho e a ação dos médicos que ali mourejam, anônima e humanitariamente.

A farmácia, provida de estoque farto e diversificado, atende satisfatoriamente às necessidades dos enfermos.

Os quartos, apartamentos e enfermarias, sem exceção, são corretamente iluminados e arejados, oferecendo boas condições de conforto aos pacientes.

As salas de cirurgia, maternidade e pediatria, mercê do seu completo aparelhamento, estão à altura da moderna técnica.

Em suma, tudo o que vimos foi deveras interessante. Todavia, não poderíamos deixar de destacar ainda dois importantes serviços. Queremos nos referir à sala de endoscopia e à escola de enfermagem.

Pelo primeiro responde o experimentado facultativo e cirurgião Dr. Lourival Hubner Saade. E êle nos fêz demonstrações assaz originais com os múltiplos e curiosos instrumentos endoscópicos de que dispõe êsse importante setor. Importante — dizemos bem — de vez que a sua indiscutível utilidade tem-se feito sentir sempre que necessária. Principalmente com relação às crianças que têm sido sobremodo beneficiadas. Sim, porque devido a essa imprudência e inocência que lhes são peculiares, elas, não raro, ingerem corpos estranhos os mais diversos. Mas a sua remoção fâcilmente se opera, graças á intervenção dêsses maravilhosos instrumentos. Quando porém — é claro — como no caso do "Santo Antônio, são manejados com habilidade e perícia.

A escola de enfermagem, com alta freqüência, sob a proficiente direção da Professôra Senhorita Wanda Cardoso da Veiga, fornece anualmente número razoável de boas enfermeiras. E obrigam-se elas a fazer um estágio de, no mínimo, um ano no próprio Hospital. Destarte, em decorrência dessa inteligente iniciativa, dispõe sempre a Casa de uma equipe escolhida de enfermeiras.

Visitamos ainda a espaçosa, limpa, bem aparelhada e bonita cozi-

nhá e a não menos moderna panificadora. E no momento em que lá estivemos o aroma e o calor dos diferentes tipos de pães que estavam sendo retirados do forno, enchem o gostoso ambiente.

Terminou assim a nossa oportuna e proveitosa visita.

Antes, porém, de nos despedirmos, em uma salinha adrede instalada, com as mesas adornadas de flores e bordados, saboreamos bom cafêzinho, acompanhado de deliciosos doces feitos pelas prestimosas Irmãs.

E nesse ambiente de cordial camaradagem o Sr. Presidente, Dr. Wolfgang Werner, teve ocasião de agradecer, em seu nome e no dos seus colegas-conselheiros, a fidalguia do tratamento recebido, bem como dizer da ótima impressão colhida no decorrer da visita que em boa hora nos foi proporcionada.

Parabêns, pois, ao distinto corpo médico, às dedicadas Irmãs e demais componentes da Administração do Hospital Santo Antônio.

---

---

## SINDICATO AGRÍCOLA DE BLUMENAU

Em reunião dos sócios da "Volksverein", realizada em 1º de setembro de 1907, no salão Paupitz, em Passo Manso, depois de longamente discutidas, foram estabelecidas as bases para a fundação de um Sindicato Agrícola e eleita uma comissão encarregada da execução dos trabalhos preliminares para a realização da Assembléia constitutiva da nova organização. Essa Comissão compunha-se de Henrique Miehe, João Hennings, Guilherme Weise, Otto Hindlmeyer Bruno Hering, Alvin Schrader e Eugênio Fouquet. A Assembléia constitutiva realizou-se a 27 de outubro do mesmo ano, agora no salão de Oscar Gross, em Blumenau, sob a presidência de E. Fouquet, ficando, assim, fundado o Sindicato Agrícola Blumenauense (seu primitivo nome) em 27/10/1907, com a finalidade, também, de fundar uma Caixa Agrícola. Membros do conselho Administrativo foram: Bruno Hering, Henrique Miehe e Adolfo Altenburg e para membros do Conselho Fiscal foram eleitos: Karl Meyer, Eugênio Fouquet, Otto Hindlmeyer, Frederico Specht, Wilhelm Weise e Hermann Ruediger Sênior. Alvin Schrader assumiu o cargo de tesoureiro. A Caixa Agrícola, filiada ao Sindicato, passou a denominar-se Caixa Agrícola Cooperativa de Responsabilidade Limitada.

---

---

**F**rei Pedro Sinzig, notável compositor sacro e grande romancista brasileiro, foi vigário de Gaspar. Tomou posse em 6 de agosto de 1900 na Casa Paroquial que acabara de ser construída naquele mesmo ano.

# Sôbre o primeiro Vigário de Gaspar

Há cento e um anos atrás, ocorria um fato que teve significativa repercussão na Colônia - Blumenau, que contava 17 anos de vida. Se as circunstâncias de tempo e de espaço em que Blumenau nasceu fôsssem as mesmas que rodearam o berço de Londrina, por exemplo, em 17 anos Blumenau poderia já estar uma grande cidade, em 1867. Mas, as condições eram outras. Além de Santa Catarina ser uma província pobre, administrativamente falando, a população era pequena e quase nenhum os meios de comunicação. Apenas o litoral prosperava porque os seus postos eram frequentados pelos poucos navios e vapores que faziam o serviço de cabotagem. As margens do Itajaí Açu, de uma certa distância da foz, para cima, eram praticamente desabitadas. A única via de comunicação do povoado que o Dr. Blumenau fundou à margem do Garcia com os demais centros habitados da Província, era o rio. Por isso, e por outros motivos, Blumenau em 1867 era uma povoação ainda insignificante. O número de colonos católicos era muito diminuto.

Antes da fundação de Blumenau, em 1850, havia já várias famílias de colonos estabelecidas pelas margens do Itajaí, algumas delas de colonos alemães provindos da Colônia São Pedro de Alcântara, fundada em 1829. Estavam ali, já havia alguns anos. Tinham casas relativamente confortáveis, plantações, galinhas, vacas, porcos. Estavam em situação bem boa para a época. Êsses colonos, em sua maioria, eram católicos. E, como católicos fervorosos, trataram logo de construir uma pequena capela para os domingos e dias santos para rezarem e cantarem e ouvir a leitura do evangelho, que lhes fazia Frederico Schramm, que tivera a idéia da construção da capela e fôra, praticamente, o seu construtor.

Essa capelinha, que era dedicada ao Apóstolo São Pedro, era visitada, de longe em longe, pelo vigário de Joinville, o Padre Carlos. Êste, vendo que a pequena comunidade tinha meios de se tornar uma boa freguesia, que reunisse os colonos não só de Belchior mas também de Pocinho, Poço Grande e até mesmo da Colônia Belga (como então era conhecida a atual Ilhota) prometeu a Schramm e a Nicolau Deschamps, outro colono muito interessado no progresso da religião, que lhes arranjaría um padre efetivo. E assim realmente aconteceu.

Em 1858 veio residir em Belchior, hospedando-se na casa de Nicolau Deschamps, o Padre Alberto Gatone que fôra colega de seminário do Padre Carlos.

A capelinha de Belchior serviu, durante muitos anos, aos poucos católicos de Blumenau. Ali êles iam cumprir as suas obrigações religiosas, confessar-se e comungar. Pode se bem imaginar os trabalhos e sacrifícios que essa gente passava para ir do Garcia, do Salto, da Itoupava e de outros pontos já povoados da Colônia, até Belchior para assistir à missa e sacramentarem-se. Como todos sabem, fica a uns 8 quilômetros de Blumenau e a capelinha ficava do outro lado do rio, mais ou menos em frente à grande figueira da estrada entre Blumenau e Gaspar. Os pobres colonos tinham que

atravessar grande trecho de mato e, depois de penosa caminhada, ainda transpor o rio em frágeis canoas.

Mas, em 1864, portanto 6 anos depois da chegada do Padre Gattone a Belchior, os católicos de Blumenau construíram uma capelinha, também de palmitos, exatamente no local em que hoje está a nossa suntuosa matriz. E a 25 de janeiro seguinte, veio o Padre Gattone rezar a primeira missa nessa capela. A missa foi solene, porque aquêle era o dia de São Paulo, a que a capelinha fôra dedicada. E daí em diante, uma vez por mês, os católicos de Blumenau tinham com êles o vigário de Gaspar, que quase sempre se hospedava na casa de Augusto Zutter, para desobriga-los dos seus compromissos para com a religião.

O Padre Gattone era muito zeloso e cumpridor dos seus deveres e cioso das suas prerrogativas de ministro de Deus e de uma religião que, naquele tempo, estava ligada ao govêrno. Era a religião do Estado, ou oficial. Os padres recebiam ordenado dos cofres públicos, além de cobrarem, naturalmente, uma pequena espórtula pelos casamentos, batizados e enterros. Por isso mesmo, o padre Gattone entrou logo em desentendimentos com o Dr. Blumenau. Não gostou da vinda do pastor protestante Oswaldo Hesse, contra o qual fazia grande propaganda. Também entendia errada a prática, que o Dr. Blumenau adotara, de enterrar os mortos da sua povoação num único cemitério, sem indagar se os mesmos eram católicos ou protestantes. O padre Gattone exigiu que houvesse separação e foi quando se começou a enterrar os mortos católicos atrás da capelinha, formando-se ali o campo santo que só foi arrasado e transferido para o local em que se acha atualmente, na segunda década dêste século. Ele e o Dr. Blumenau achavam-se quase sempre em turras. O Dr. Blumenau era excessivamente tolerante. O padre, como bom sacerdote alemão daquela época, era intransigente. Ou se era católico, ou não se tinha salvação... Contudo, o padre Gattone foi um verdadeiro apóstolo. Não se importava com perigos e dificuldades quando se tratasse de exercer o seu sagrado ministerio. Por isso, foi com verdadeiro sentimento de dor que a população da freguesia, que êle fundara, o viu transferido para a paróquia de Brusque, para onde mudou-se exatamente a 21 de maio de 1867, depois de ter rezado, na matriz por êle construída, a derradeira missa e, numa prática sentida, despediu-se dos seus amados paroquianos. É possível que o Padre Gattone tenha tido defeitos como vigário. E os teve, mas as muitas virtudes que lhe ornavam o caráter superavam-nos. Com o seu zêlo, a sua atividade e o seu exemplo êle muito concorreu para o aperfeiçoamento da nossa terra e para a felicidade temporal e eterna de nossa gente.

Os trabalhos de construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, a cargo da firma Arthur Koppel & Cia, de Berlin e sob a chefia dos engenheiros Groeber e Musika, tiveram início no dia 2 de dezembro de 1906. Foi um dia de festa para Blumenau que' há muito, vinha batalhando para conseguir êsse meio de comunicação que, agora, 62 anos depois, vai ser erradicada por antieconômica.

A 12 de dezembro de 1879, Teodoro Kleine, Wilhelm Scheeffler, Luiz Sachtleben, Otto Stutzer e Henrique Clasen organizaram um "Conselho Administrativo" para fundar uma tipografia. Teve origem nesse Conselho a criação do semanário "Blumenau Zeitung", que foi publicado por mais de 50 anos consecutivos.

**"A NOSSA TRADIÇÃO VALE  
POR UM BOM NEGÓCIO"**

SERVIMOS HÁ 35 ANOS

CALÇANDO BLUMENAU

**CALÇADOS?**

Pense no **L O R G U S**

**Rua 15 de Novembro, 383**

**LOJA DA BORRACHA LTDA.**

MATRIZ E FILIAL

**Rua 15 de Novembro, 756 e 800**

Duas lojas para  
servir-lhes o melhor

**B L U M E N A U — S. C.**

**CASA FLESCH**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1080 — CAIXA POSTAL, 127

**Estabelecida desde 1925 no ramo de música,  
discos, músicas, instrumentos musicais.**

**B L U M E N A U**

— Santa Catarina



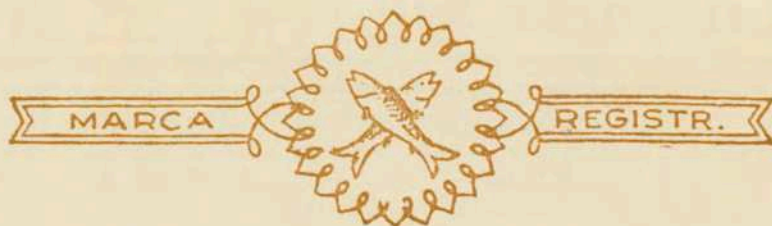
INDÚSTRIA TÊXTIL

# Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - Brasil

RUA HERMANN HERING, 1790 - CAIXA POSTAL, Nº. 2

TELEGR.: «TRICOT»



FÁBRICA DE:

**ARTEFATOS DE MALHA**

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria

# **Carimbos de Borracha REAL Ltda.**

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Datadores

Numeradores

Carimbos em geral

TINTAS E ALMOFADAS

Rua 15 de Novembro, 1.306

BLUMENAU

—

Sta. Catarina

# TIPOGRAFIA CENTENÁRIO LTDA.

no ramo a melhor

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1.422

BLUMENAU

—

Santa Catarina

# Blumenau

## *em cadernos*

TOMO IX ★ — ABRIL DE 1968 — ★ — Nº. 4

### AMOR FILIAL

J FERREIRA DA SILVA

A 19 de maio de 1851, morria em Hasselfelde, na Alemanha, a senhora Cristina Sofia Kegel, mãe do Dr. Hermann Blumenau, fundador da nossa cidade.

Hasselfelde é, hoje, uma cidadezinha de uns 6.000 habitantes, ponto terminal de um ramal ferroviário, situado entre as montanhas do Harz, e fica no território ora ocupado pelos russos.

Dona Cristina era viúva de Carlos Frederico Blumenau, que falecera um ano antes, em abril de 1850, já aposentado.

Os pais do Dr. Blumenau estavam em boa situação econômica. Possuíam, além de outros bens, a casa em que residiam e que era espaçosa e confortável, próxima às usinas siderúrgicas de Hasselfelde, das quais Carlos Frederico era engenheiro, além de conselheiro florestal. Pelos arredores da cidade estendiam-se grandes florestas de faias e abetos que forneciam lenha e carvão para os fornos das citadas usinas.

O casal tivera seis filhos: Emília, Carlos, Augusta, Júlio, Inês e, finalmente, o sexto e último, o nosso Dr. Blumenau. Emília casara-se com João Gaertner e tornou-se mãe de Reinoldo e Victor Gaertner, dois nomes intimamente ligados à história de Blumenau. Reinoldo viera, em 1850, acompanhando o grupo de 17 emigrantes, fundadores da nossa cidade. Aqui permaneceu por vários anos, auxiliando o tio nos negócios da colonização, regressando, depois, à Alemanha e faleceu relativamente moço.

Victor, ao contrário, permaneceu em Blumenau, deixando larga descendência, aqui falecendo depois de ter prestado assinalados serviços à comunidade. Participou, ativamente, da vida da Colônia, sendo, por 25 anos consecutivos, cônsul da Alemanha, Agente da Companhia de Navegação Fluvial e fazia parte de várias associações recreativas e culturais.

A Senhorita Edite Gaertner, falecida há poucos meses, com 87 anos de idade era filha de Victor Gaertner.

Os pais do Dr. Blumenau, Carlos e Cristina, educaram os seus filhos dentro dos rijos padrões morais da época, com muita seriedade, dando-

lhes, igualmente, constantes exemplos da mais absoluta probidade.

Carlos Frederico chegava mesmo a exagerar a sua autoridade paterna e do seu excessivo rigor temos provas na documentação deixada pelo Dr. Blumenau. E uma delas constitui o fato de ter feito o filho interromper os estudos ginasiais para seguir a carreira de farmacêutico a que o havia destinado. E continuava fiscalizando-lhe os passos até à maioridade.

Quando o Dr. Blumenau resolveu emigrar para o Brasil, em 1846, fê-lo contra a vontade do pai. A desobediência, entretanto, aos desejos paternos constringera-o de tal forma que, mal chegado ao Rio Grande do Sul (que, como se sabe, foi o primeiro ponto do território brasileiro visitado por Blumenau), escrevera à sua mãe, penitenciando-se. A carta dizia: "Não parti levianamente. Mesmo que a despedida quase me tivesse despedaçado o coração e, embora às vêzes eu tivesse a ponto de sentir nostalgia, era preciso que assim fôsse, pois, dentro de mim clamava uma voz íntima, tão forte que eu não podia opor-lhe resistência. Ora, tenho a mais honesta das intenções. Não deixei a cara pátria apenas para ganhar dinheiro. Assim sendo, posso estar tranquilo, porquanto o céu não me abandonará. Agora me encontro aqui bem satisfeito e se Deus quizer que a coisa prossiga favoravelmente, e se algo fôr realizado e eu conservar a saúde, então, segundo penso, ainda darei alguma coisa boa e tu, minha encantadora mãezinha, hás de ficar contente com o teu velho "homenzinho" e hás de lembrar, orgulhosa e honrada, o seu nome".

Infelizmente, pouco depois, D. Cristina falecia. A notícia de sua morte encontrou o Dr. Blumenau atormentado por sofrimentos e preocupações sem conta. O início do seu empreendimento ia mal. As coisas não tinham corrido como êle supusera. Poucos tinham sido os imigrantes chegados e, êstes, ou alguns dêles, vinham com exigências que êle não poderia cumprir. Imagine-se, pois, a dor que a notícia do falecimento de sua mãe lhe causou, a êle que tinha pela progenitora profundo afeto e terna veneração.

Nos momentos mais cruciantes da sua vida de colonizador, a lembrança de sua mãe querida sempre lhe vinha à mente como um lenitivo, um bálsamo suavizante. É comovedor ler-se a correspondência do fundador, escrita nesses momentos de quase desespero. Sente-se nela o carinho, a ternura com que Blumenau se recordava daquela que, tendo lhe dado o ser, fôra sempre o seu verdadeiro anjo da guarda. Numa carta, por exemplo, que êle enviara a um amigo, num daqueles momentos de angústia e de tribulação, êle dizia:

"O excesso de trabalho enfraqueceu-me, prostrando-me de cama. Eu não tinha, porém, tempo de cuidar de doenças. Tinha dívidas e precisava pagá-las. Vi a falência inevitável, a desonra bater-me à porta se eu não pagasse aos meus credores. Tôdas as minhas esperanças pareciam desfeitas. Moralmente aniquilado, parecia-me humanamente impossível prosseguir nos meus planos de colonização. Que a Divina Providência preserve um homem honesto de semelhantes dissabores! Envelheci antes do tempo. A minha única salvação foi a lembrança da minha querida mãe. Recordando-me que ficara viúva ainda há pouco, não pus fim à minha existência".

Na comemoração de mais um aniversário da morte de Cristina Blumenau, homenageamos a mãe estremosa daquele que, amando-a carinhosa e profundamente, foi o realizador da obra magnífica, ora cronometrada na grandeza da nossa terra e na felicidade da nossa gente.

A mãe do Dr. Hermann Blumenau, Cristiana Sofia Kegel, por quem o filho nutria entranhado amor e veneração, Nos momentos mais desesperados da sua vida de coloniza-



dor, quando se viu às portas da falência, sem recursos financeiros e doente, o Dr. Blumenau -êe mesmo o diz - pensou até no suicídio. E só a lembrança de sua mãe querida impediu o gesto desesperado. Em suas cartas a amigos e parentes na Europa, o fundador de Blumenau lembra constantemente aquela que êe chamava "o seu anjo da guarda".

Cristiana Sofia faleceu aos 74 anos de idade, em 19 de maio de 1851, tendo o seu espôso, o engenheiro florestal e de minas, Carlos Frederico Blumenau, com quem tiveram 6 filhos, falecido um ano antes, a 3 de abril de 1850.

Dona de casa exemplar e mãe estremeza, Cristiana Sofia educou a sua decendência dentro de princípios de austera moralidade, de absoluta honestidade e de apêgo às práticas religiosas.

---

**O** Calendário "Der Urwaldsbote Kalender", publicado em Blumenau em 1900, era de autoria do Pastor Hermann Faulhaber e foi compôsto e impresso pela Christlichen Zeitschrifts-Verein, de Berlin. Êsse foi o primeiro Almanaque do Vale do Itajaí.

---

**A** linha de transmissão elétrica entre as cidades de Indaial e Timbó, foi inaugurada em dezembro de 1947, sendo, na mesma ocasião inaugurada a rêde de distribuição de luz à cidade de Timbó.

## Uma Interessante Descoberta de Fritz Müller

A 31 de agosto de 1884, o sábio Fritz Müller, em companhia de seu irmão, o Dr. Wilhelm Müller – também cientista – fez uma viagem á Armação da Piedade, próxima a Florianópolis (entre Biguaçu e Pôrto Belo) para examinar os sambaquis daquela região.

O Dr. Wilhelm Müller estava apenas de visita ao irmão, pois, tinha residência na Alemanha. Interessado, entretanto, no estudo das ciências naturais, aproveitou a oportunidade para fazer algumas pesquisas em Santa Catarina.

Partindo de Blumenau naquele dia 31 de agosto, a pé, passaram por Gaspar, Alferes, Tijucas, chegando ao Saco da Armação a 4 de setembro. Ficaram ali acampados até o dia 25 do mesmo mês, voltando a Blumenau por outra estrada, em seis dias de caminhada.

Em Armação da Piedade, não estudaram os dois irmãos apenas só sambaquis. Vários outros assuntos científicos ocuparam os dias que eles ali passaram. Fizeram descobertas interessantes, examinaram e analisaram uma infinidade de animais que vivem nas praias e nas grandes áreas que a preamar deixa descobertas e onde se pode, facilmente, apanhar crustáceos, moluscos e outros que vivem em águas mais profundas, mais afastadas da costa.

De todos os animais que analisaram, entretanto, nenhum foi tão interessante como o *Balanoglossus*, de que encontraram vários exemplares. Tratava-se de uma espécie rara e nova de vermes, distinta pelo exagerado tamanho dos anteriormente descobertos e citados por Della Chiaje, Kowalewski, Willemoes-Suhm e A. Agassiz. O descrito, por exemplo, por este último sábio, não tinha mais que um decímetro de comprimento, enquanto que o encontrado por Fritz Muller media mais de metro e meio de comprimento. Vamos ver como o próprio Fritz Muller conta os fatos e observações que fez:

“Êsses vermes (os *Balanoglossus*) gigantescos vivem em canais muito turtuosos, cerca de 0,3m. em baixo do fundo do mar; descobrem-se facilmente quando nas marés baixas expelem os escrementos, os quais têm quase a forma dos do homem, atingindo sua grossura, às vêzes, cerca de 2 centímetros.

O *Balanoglossus* é tão mole e quebradiço, que é quase impossível tirá-lo inteiro da sua habitação subterrânea; já é felicidade obtê-lo em 2 ou 3 pedaços.

Na primeira semana da nossa estada, tiramos vários e belos exemplares de *Balanoglossus* que procuramos conservar em aguardente frequentemente renovada; porém este método tornou-se insuficiente para a conservação de animal tão mole. Só em 18 de setembro recebemos do Destêro álcool e vidros apropriados e felizmente ainda conseguimos tirar alguns exemplares durante as marés baixas dos dias 19, 22 e 23 de setembro. Conservados em álcool de elevado grau, que ainda foi renovado, antes de os encaixotar, é de esperar que cheguem aqui e possam ser mandados para o Rio de Janeiro bem acondicionados. Apesar de só agora termos deparado com o *Balanoglossus*, já desde 1860 eu conheço larvas (Tornarias) que indubitavelmente, pertecem ao mesmo gênero, não obstante naquele tempo passarem

geralmente por larvas de estrélas do mar. Resta indagar se são da mesma espécie.

De 15 de janeiro até 13 de fevereiro de 1885, fiz mais uma viagem à Armação da Piedade, em companhia do meu irmão, Dr. Guilherme Müller. Foi nosso fim principal investigar o modo de viver, a anatomia e, se possível fôsse a embriologia do gigantesco *Balanoglossus* que em julho do ano próximo passado, ali descobrimos. Nos meses de fevereiro e março, tinha eu encontrado, há mais de vinte anos, no mar que banha a Praia de Fora, da capital da Província, larvas de alguns *Balanoglossus* (Tornaria) que naquele tempo ainda passavam por larvas de alguma estrela do mar. Era pois de presumir que pelo fim de janeiro e nas primeiras semanas de fevereiro aparecessem os ovos e os primeiros estados larvais, e, se assim fôsse, deviam ser superabundantes em uma localidade onde tão frequentemente se encontram os animais adultos, visto como os ovos produzidos por uma única fêmea devem contar-se por muitas centenas de milhares.

Entretanto, para o *Balanoglossus* da Armação da Piedade, provavelmente diferente da espécie ainda incógnita do Desterro, ainda não tinha chegado o tempo da propagação, apesar de já estar iminente, porque já os dois sexos, indistinguíveis em setembro, facilmente se distinguem pela cor da região genital, amarela nos machos, arroxeadada nas fêmeas.

Os ovos já pareciam quase maduros e alguns espermatozoides começavam os seus movimentos característicos o que nos animou a empreender alguns ensaios de fecundação artificial, ensaios êsses que não produziram efeito.

Quanto à anatomia, podemos confirmar em quase todos os pontos essenciais quanto a êsse respeito disse o Dr. J. W. Spengel em uma breve notícia publicada em novembro p. passado. Assim também, em a nossa espécie a *glande*, ou *proboscide* não tem nem orifício terminal nem fenda ventral, como pensavam Kowalewski, A. Agassiz e outros, e sim um orifício dorsal situado na base da glande, como nos *Balanoglossus Minutus* e *claviger* examinados por Spengel.

O *Balanoglossus* vive em canais quase horizontais, às vêzes muito turtuosos, geralmente de 0,3 a 0,5m. debaixo da superfície da terra, e que de quando em quando se prolongam em direção quase que perpendicular até a superfície. Ali o animal, deitando fora a sua extremidade anal, evacua os seus excrementos compostos unicamente de areia. São êsses excrementos que, nas marés baixas indicam a presença do animal.

Raras vêzes o mesmo animal mostra-se em dois dias consecutivos; no mesmo lugar onde em certo dia há mais de vinte montões de excrementos, no dia imediato só aparecem 3 ou 4.

O animal cava o seu canal, comendo a areia que lhe está à frente de modo que a locomoção e a nutrição se fazem ao mesmo tempo.

Colocando um ou dois palmos de parte oral de um *Balanoglossus* em uma gamela em cima de areia menos grossa, coberta de água do mar, em pouco tempo, depois de ter dado algumas voltas, como para procurar um lugar mais conveniente, começa a enterrar-se; primeiro a glande entra devagarinho na areia por meio dos seus movimentos peristálticos; feito isso o animal começa a engolir a areia e mal passam um ou dois minutos, começa a sair do intestino cortado, em movimento contínuo de 0,3 a 0,5 mm, por segundo e em forma de cilindro, a areia engolida.

O "*Balanoglossus*" exala um cheiro muito forte, lembrando o

do iodo e com efeito um químico<sup>†</sup> meu amigo achou ser muito rico em iodo o alcool em que se tinha conservado um dêsses animais. Á noite, mostra uma fosforescência muito viva, que não creio lhe possa servir de utilidade alguma nos seus esconderijos sobterrâneos.

Já de há muito sabe-se que é luminoso o *Chaetopterus* que tambem vive debaixo da terra em tubos coriáceos dos quais nunca pode sair. Êsses fatos de certo não são favoráveis à opinião daqueles que consideram a fosforescência de muitos animais do mar como servindo-lhes de proteção contra os seus inimigos, que por aquela luminosidade seriam avisados de serem incomedíveis os ditos animais fosforescêntes.

Segundo me informou o Dr. Spengel, também perto do Rio de Janeiro foi achado um *Balanoglossus* pelo sr. Eduardo van Beneden e sendo provável que a espécie gigantesca da Armação da Piedade não se limite àquela única localidade, não será fora de propósito descrever o método que depois de muitas tentativas achamos mais cômodo e seguro para se tirar incólumes dos seus esconderijos êsses animais extremamente moles e frágeis.

Á distância de cerca de um metro cava-se uma vala circular bastante funda (de 2 para 3 palmos) ao redor do montão de escremento do *Balanoglossus*; mais cedo ou mais tarde encontrar-se-á nesse trabalho o canal do bicho que logo se conhece pela água que dêle está correndo; se nessa ocasião não aparecer o animal, cumpre seguir o canal até encontrá-lo; denunciando-se a sua proximidade por uma mucosidade abundantíssima e muito pegajosa por êle segregada. Encontrada, afinal, uma das extremidades tira-se muito devagar e com o maior cuidado, visto que se rompe com grande facilidade, mórmente quando tendo-se virado no canal, apresenta a extremidade posterior. Topando-se o canal logo às primeiras enxadadas pode-se tirar o bicho em 5 ou 10 minutos; em outros casos, não dá senão alguns fragmentos o trabalho aturado de uma hora inteira. São necessários dois homens para êsse trabalho; um seguindo o canal, ou segurando o animal, outro tirando da vala a água, que as vêzes rapidamente afui, removendo a terra em cima do canal, etc. Conservamos alguns exemplares de *Balanoglossus* segundo o método usado na Estação Zoológica de Nápoles, colocando o animal vivo por algum tempo em ácido pícrico-sulfúrico antes de o deitar em alcool. Hei de remeter um ao Museu, desde que acêe um portador seguro."

Como se vê, uma interessante descoberta. Muitos dos nossos leitores, que têm gôsto pelo estudo das ciências naturais, fariam bem em ir até Armação da Piedade para tentar a captura de um "*Balanoglossus*" que figurasse no Museu «Fritz Muller», de Blumenau. Por lá certamente ainda haverá muitos dêsses bichos "moles e quebradiços", de difficil captura.

---

N. R. A propósito do assunto dêste artigo, "Blumenau em Cadernos" publicou no Tomo III, n.º. 12, pag. 232, um trabalho de Hitoshi Nomura.

---

Parece que o primeiro almanaque publicado em Santa Catarina foi o "Santa Catarina Volkskalender", em língua alemã, editado em 1864. Não conhecemos o trabalho senão por referências e por um anúncio publicado no "Colonie Zeitung" daquele ano.